



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA**

MICHAELA HANNYANNY DE LIMA VITÓRIA BATISTA DE ALMEIDA

**“O CONTO DA AIA”: UM ESTUDO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTRASTE
COM A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E O PRINCÍPIO DA LIBERDADE DE
EXPRESSÃO NA REALIDADE ATUAL**

**CAMPINA GRANDE
2019**

MICHAELA HANNYANNY DE LIMA VITÓRIA BATISTA DE ALMEIDA

**“O CONTO DA AIA”: UM ESTUDO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTRASTE
COM A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E O PRINCÍPIO DA LIBERDADE DE
EXPRESSÃO NA REALIDADE ATUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a/ao
Coordenação /Departamento do
Curso de Letras - Espanhol da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras -
espanhol.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Esp. Luciene Fernandes Carneiro.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447c Almeida, Michaela H. de Lima V. Batista de.
"O conto da Aia" [manuscrito] : um estudo da obra literária em contraste com a influência das mídias e o princípio da liberdade de expressão na realidade atual / Michaela H. de Lima V. Batista de Almeida. - 2019.
21 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Luciene Fernandes Carneiro, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Meio midiático. 3. Liberdade de expressão. 4. Fake news - notícia falsa. I. Título
21. ed. CDD 801.95

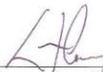
MICHAELA HANNYANNY DE L. VITÓRIA B. DE ALMEIDA

**“O CONTO DA AIA”: UM ESTUDO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTRASTE
COM A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E O PRINCÍPIO DA LIBERDADE DE
EXPRESSÃO NA REALIDADE ATUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Letras e Artes da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Letras -
Língua Espanhola.

Aprovada em 19 de junho de 2019

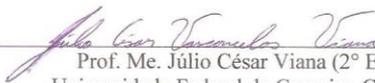
BANCA EXAMINADORA



Profª .Esp. Luciene Fernandes Carneiro Giordano (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Alessandro Giordano (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Júlio César Viana (2º Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

“O CONTO DA AIA”: UM ESTUDO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTRASTE COM A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E O PRINCÍPIO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO NA REALIDADE ATUAL

Michaela Hannyan de L. Vitória B. de Almeida

RESUMO

O presente trabalho apresenta como tema a abordagem trazida pela autora canadense Margareth Atwood, em sua obra “*The handmaid’s tale*”, em português: O conto da aia, em contraste com a atuação dos meios midiáticos, da recente onda de *fake news* e da liberdade de expressão sendo apresentados aqui à luz da questão de gênero, expondo como essa situação se aplica na atualidade e contrastando com outras obras que apresentam situações similares relacionadas às questões de influência em massa. Nesse contexto, iremos discorrer sobre algumas das obras literárias que expõem o tema proposto inicialmente, como “Jogos vorazes” de Suzanne Collins e “1984” de George Orwell. Vamos refletir a partir do tema em comum na influência das mídias e do governo em uma sociedade, visando saber a influência que uma sociedade pode sofrer de forma direta pelas redes sociais, enquanto recurso midiático utilizado pelo governo, direcionando a população a tomar suas decisões em cima das decisões da mídia, como também direcionando a atenção nas práticas políticas de controle social e, dentro desta, o gênero no cenário midiático como afirmação do princípio constitucional da liberdade de expressão. Utilizamos como aporte teórico, além dos mencionados acima, Castells, Buttler, com adição de mais alguns outros dando suporte às ideias apresentadas. A pesquisa em questão, utilizou do método dedutivo, sendo uma análise bibliográfica. Este trabalho foi realizado com base em pesquisas bibliográfica e documental para maior fundamentação do tema tratado. Primordialmente, foi utilizado como método para a realização deste, a análise de conteúdo, os métodos analítico e descritivo, assim como o método dedutivo.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake news*. Aia. Liberdade de Expressão. Atwood. Gênero.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema el enfoque presentado por el autor canadiense Margaret Atwood, en su obra "cuento de la criada" en portugués: El cuento de la criada, en contraste con la actuación de los medios de comunicación, la reciente ola de noticias y la libertad falsa de expresión siendo presentados aquí a la luz de la cuestión de género, exponiendo cómo esa situación se aplica en la actualidad y contrastando con otras obras que presentan situaciones similares relacionadas a las cuestiones de influencia masiva. En ese contexto, vamos a discutir sobre algunas de las obras literarias que exponen el tema propuesto inicialmente, como "Juegos voraces" de Suzanne Collins y "1984" de George Orwell. Vamos a reflexionar a partir del tema en común en la influencia de los medios y del gobierno en una sociedad, con el objetivo de conocer la influencia que una sociedad puede sufrir de forma directa por las redes sociales, como recurso mediático utilizado por el gobierno, como también dirigiendo la atención en las prácticas políticas de control social y, dentro de ésta, el género en el escenario mediático como afirmación del principio constitucional de la libertad de expresión. Utilizamos como aporte teórico, además de los mencionados arriba, Castells, Buttler, con adición de algunos otros dando soporte a las ideas presentadas. La investigación en cuestión, utilizó del método deductivo, siendo un análisis bibliográfico. Este trabajo fue realizado con base en investigaciones bibliográfica y documental para una mayor fundamentación del tema tratado. Primordialmente, fue utilizado como método para la realización de éste, el análisis de contenido, los métodos analítico y descriptivo, así como el método deductivo.

PALABRAS CLAVE: Fake news. Aia. La libertad de expresión. Atwood. Género.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	A QUESTÃO DA GARANTIA LEGAL DA LIBERDADE E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	06
3	CENÁRIO POLÍTICO E A NARRATIVA DE MARGARETH ATWOOD	11
3.1	A sociedade sob o olhar de atwood.....	11
3.2	A sociedade no contexto da ficção.....	15
3.3	Em tempos midiáticos no cenário político-partidário.....	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

No conhecimento geral, a mídia influenciou as sociedades globais. Ela pode ser refletida nos mais variados assuntos, como política, religião, "pão e circo", entre muitos outros.

No que diz respeito às questões de gênero que ela não poderia ficar de fora durante anos ditando machismo e submissão feminina, enquanto agora, para as mais diversas razões, em troca, apoiar o direito das mulheres em uma área geral. No trabalho de Atwood temos uma ficção científica, que pode ser interpretado como completamente distantes da realidade em que vivemos, mas se você realmente analisar pode ver que não é tão distante assim, se não tomarmos o controle da situação.

A escolha do assunto foi dada pela relevância que a literatura está tendo na tentativa de trazer a realidade da situação social no mundo da população, tentando desmistificar os meios de comunicação e dar mais importância ao que realmente acontece e não para o que eles querem que saibamos estão no controle. A investigação foi iniciada devido a questões relacionadas com o que interliga sociedade, mídia e literatura.

Com base nesses fatores, podemos inferir que as pessoas podem ser influenciadas por um governo e mídia parcial a que estamos sujeitos. Desenvolver o senso crítico do cidadão nas gerações mais recentes.

À luz da obra literária do canadense Margaret Atwood "O conto da aia" (de "Conto da Aia" série) e apoiado pela narração de George Orwell, entre outros trabalhos ao longo das décadas perguntamos: é possível estabelecer uma leitura crítica na cena da mídia sobre as práticas políticas de controle e poder, sendo este um elemento de afirmação ou conformação do princípio da liberdade de expressão? Acredita-se que estudar práticas de controle de políticas no cenário da mídia e dissimulação de poder como uma afirmação (conformação) do princípio constitucional da "liberdade de expressão", em contraste com a peça "O Conto da aia" pelo autor Margaret Atwood que retrata uma fundação baseada "perto para o nosso futuro, mas bastante diferente, com regressões em relação ao sexo e usando uma ditadura em paralelo com um terror psicológico. neste trabalho, pode ser obtido para a série de TV atual vencedor de um dos mais prestigiados prêmios na categoria (Emmy Awards), "conto da Aia" eo Globo de Ouro 2018, que retrata uma nação viver de uma maneira quase um estilo de vida em geral e ditatorial, recordando os tempos da Segunda Guerra Mundial na Alemanha, mas de uma forma chocante, criativa, inovadora e sempre no presente. Como um exemplo atual, temos a norteameric eleições Últimas Annas ea situação que o mundo tem ido politicamente, países como o próprio Brasil e França abrangente.

Esta pesquisa torna-se relevante para o aprofundamento acadêmico e da sociedade socialmente para aumentar a conscientização sobre o que realmente está acontecendo globalmente, porque a cada dia foge controle sobre as mãos do povo, se ele nunca estava neles.

Quanto à questão até que ponto é possível a luz da narrativa de Atwood para estabelecer uma leitura crítica na cena da mídia sobre as práticas políticas do direito ao princípio constitucional da liberdade de expressão?

Os objetivos são estudar práticas de controle de políticas no cenário da mídia e dissimulação de poder como uma afirmação (conformação) do princípio constitucional da liberdade de expressão, em contraste com a peça "O Conto da aia" Margaret Atwood o autor.

Tentamos entender o conceito de liberdade de expressão da CF / 88, que compreende práticas de controle de políticas baseadas em discurso da mídia e analisados à luz da narrativa do cenário da mídia de Atwood de práticas de controle políticos e da afirmação poder para o princípio da liberdade de expressão, sabendo a posição dos autores que exploram a questão.

2 A QUESTÃO DA GARANTIA LEGAL DA LIBERDADE E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o cenário midiático das práticas políticas de controle e dissimulação do poder, a luz da narrativa de Margareth Atwood a partir da obra intitulada “O conto da aia” e da perspectiva das redes sociais e da política, para estabelecer uma leitura crítica acerca da aplicação do princípio da liberdade de expressão. O problema em questão se refere a que medida a sociedade civil pode ser influenciada de forma direta, isto é, ideologicamente (disciplinamento e poder simbólico) pelas *fake news*, enquanto recurso midiático utilizado pelo aparato governamental, sendo assim direcionada a tomar suas decisões em cima do que é exposto pela mídia.

Judith Butler, em sua obra “Problema de gênero”, nos traz essa ideia de uma forma bem explícita quando ela afirma que:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a idéia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular...(BUTLER, 2003, p.20)

A partir da fala de Butler, podemos fazer um contraste com a obra de Atwood e, conseqüentemente, com as outras ficções englobando o mesmo tema. Butler trata de uma realidade sendo inserida em várias ficções como forma de alcançar um número maior de pessoas a refletir sobre o assunto, por meio dessas obras que se tornam filmes ou séries premiadas.

É relevante observarmos que não só mulheres falam em feminismo. A tirinha abaixo do argentino Quino, traz a realidade em poucas palavras e de forma bastante criativa e reflexiva:



(QUINO apud CARDOSO, 2011.)

Retornando à nossa ficção, na década de 80, a escritora canadense Margareth Atwood lança uma ideia pouco explorada, por parecer distante criando - na literatura - um modelo de sociedade na qual todos devem temer o governo de um determinado país que foi tomado por um grupo religioso radical, este que tem ‘olhos’ por todos os lados e observa a sociedade em tempo integral, controlando e tentando controlar até os pensamentos do povo. A autora relembra a obra 1984 de George

Orwell, sob uma perspectiva distinta focando na situação das mulheres no respectivo contexto.

A obra de Atwood vislumbra um possível Estados Unidos no qual não existiria liberdade de expressão e, devido às questões de crises ambientais que, realmente temos sofrido nas últimas décadas (a nível mundial), foi acarretado que a maioria das mulheres se tornaram inférteis, dando um “valor” maior às que ainda podem gerar vidas. Uma sociedade marcada por uma trajetória negativa, principalmente por não constituir espaços públicos de opinião, já que seu governo baseava-se numa ditadura religiosa.

Para a atualidade da nossa sociedade temos vislumbrado esta perspectiva da literatura fantástica, as pessoas, baseadas no senso comum, têm sido influenciadas e controladas pela mídia. Atwood se refere à política/religião comandando as opiniões, enquanto na realidade brasileira podemos dizer que temos a mídia, em especial as emissoras televisivas, direcionando a opinião da sociedade de massa com interesses escusos, voltados às elites nacionais, com o artifício de ainda ser um dos mais influente meios de comunicação entre as pessoas da última geração.

Quando Atwood escreveu a obra ‘O conto da aia’ visualizou o que realmente tem se concretizado gradativamente. Não esqueçamos que a autora é canadense e criou seu universo literário nos Estados Unidos, possivelmente por ser o líder atual do mundo livre há muito tempo, portanto a obra é mundial e não local. Outra obra mais atual vem apresentando basicamente a mesma ideia, “Jogos Vorazes” de Suzanne Collins, lançada como uma trilogia e voltada mais para um público jovem, a autora traz à tona o mesmo foco de Atwood, mostrando que a ideia desta se mantém atual e que em um possível mundo liderado por ditadores camuflados não teríamos mais direito à liberdade de expressão ou até do pensamento. Isso está tão presente a nossa atualidade que, vale salientar que a obra de Atwood virou série e está famosa pelo mundo todo desde 2017, ganhando grandes prêmios como o Globo de Ouro e o Emmy. Mesmo não sendo uma obra atual, ela se aplica à situação política mundial que vivemos, como temos no caso das eleições americanas, na qual ganhou um representante com visões radicais, trazendo para a atualidade brasileira temos a última eleição, que também traz um radical religioso como presidente e sendo aceito por mais da metade da população, dizendo o que o povo quer ouvir. O povo, nessas realidades fictícias têm obrigação apenas de obedecer, seguir as normas impostas pelos que tem o poder de comandar e, principalmente, não poder lutar contra isso, uma vez que não estamos falando em democracia. Os cidadãos teriam que fingir ou até mesmo terminar por acreditar naquilo que os líderes determinassem. O radicalismo, independente de visões políticas, tem se alastrado ao redor do mundo, o problema em si, não é ser de esquerda ou direita, democrata ou republicano, o radicalismo é o que está aproximando as realidades, tanto brasileira, como mundial, da ficção de Atwood.

Ambas as autoras, Atwood e Collins, criaram algo que, mesmo com o avanço encontrado entre o decorrer dos séculos XX e XXI, no qual estamos agora, é notável a existência dessas práticas políticas e midiáticas, lembrando que a versão de Collins com os Jogos vorazes é algo mais jovial, trazendo essa ideia para o público adolescente, com o objetivo de tentar conscientizá-los.

As empresas midiáticas tendem a lançar repetidamente um mesmo assunto com detalhes e perspectivas distintas. Isso acontece constantemente, não com um assunto específico, mas com o então reconhecido quarto poder resolve lidar no momento, deixando a liberdade de expressão para ser questionada se ela realmente

existe, ou até que ponto ela existe. Ciotola fala em um ponto crucial sobre a influência da mídia e seu poder.

A ela sempre coube um papel de destaque atuando quase de forma invisível mas permanentemente influenciando nas ações de governo e no comportamento da sociedade, extrapolando em muitos momentos o seu principal papel de bem informar de forma isenta o povo brasileiro. É fácil constatar a enorme influência da mídia na política. (CIOTOLA, 2019)

A mídia, mencionada acima por Ciotola, tem sido reconhecida como “o quarto poder”, pois oficialmente temos três poderes, entretanto, ela tem interferido de forma significativa em assuntos sociais quando lhe compete.

A política e os políticos trabalham com um material especial, que é a credibilidade. A matéria prima da política é a credibilidade, um capital simbólico. Ora, a mídia é o meio de produção desse capital, tanto para construí-lo, como para destruí-lo, como é o caso do escândalo político. Quando se fala em mídia como quarto poder é necessário ressaltar, de imediato, que esse assim chamado poder também ser um poder usurpado. Isso por que esse poder que a mídia se atribui não lhe foi conferido pelo povo, origem do poder legítimo nas sociedades democráticas. A mídia se arrogou esse poder por conta própria, sem levar em conta a população, mas baseada apenas em sua força econômica, política e ideológica, acumpliciando-se a setores da classe política. Ninguém conferiu esse poder a ela. (CIOTOLA, 2019)

Como exemplo da fala acima, temos o caso do Impeachment de Collor no Brasil em 1992, que foi ofuscado pela mídia com a divulgação e exploração maior no caso do assassinato da jovem atriz Daniella Perez, filha de uma diretora de sucesso nacional.

A pesquisa em questão tem como foco chamar a atenção para a realidade dentro da narrativa de Atwood, e estabelecer uma leitura crítica no cenário midiático sobre as práticas políticas e saber se este se enquadra como um elemento de afirmação ou conformação do princípio da liberdade expressão.

Desde seu surgimento, a mídia tem influenciado as opiniões das pessoas, com estilos de roupas, sapatos, brinquedos, alimentos, enfim, ela tem ditado como as pessoas devem viver. Não deixa de ser diferente quando o assunto vem a ser política, como já foi mencionado anteriormente.

Necessitamos refletir e trazer essa reflexão para a sociedade de massa no Brasil e de como nos deixamos influenciar pela opinião da mídia, a ponto de interferir na nossa democracia e nos tornar cidadãos apáticos, controlados em geral pelo quarto poder, sem sequer se dar conta disso.

É relevante socialmente pensarmos sobre em que medida a sociedade civil pode ser influenciada de forma direta, isto é, ideologicamente (disciplinamento e poder simbólico) pelas redes sociais através das *fake news*, enquanto recurso midiático utilizado pelo aparato governamental, sendo assim direcionada a tomar suas decisões em cima do que é apresentado pela mídia.

A liberdade de expressão está como garantia legal explícita na nossa constituição, para que possamos encontrar as diretrizes e os limites de onde temos nossos direitos, onde eles começam e onde terminam, assim como as nossas obrigações.

Os meios de comunicação vêm se propagando gradativamente na sociedade, com a revolução tecnológica tem ficado cada vez mais visível o quão disciplinados os cidadãos estão se tornando, seja com relação a um produto à venda ou mesmo as aspirações políticas.

Nestes tempos de comunicações online, em real time e intermitente, balizadas pela superficialidade e falta de apuração, as grandes empresas de comunicação marcam presença vertical no jogo da “opinião pública” que passa pelas redes sociais e, de maneira mais ampla, pelo vasto território da internet (...) Com seus robustos perfis, cujos conteúdos são compartilhados aos milhões, e a presença acachapante dos seus portais noticiosos e de entretenimento, grupos como Folha, Estadão, Abril, Globo, Band, SBT, RBS etc. etc. se colocam como imbatíveis nesse campo da chamada “opinião pública”. (LIMA, 2016)

Uma das grandes críticas de um meio de comunicação (a indústria cinematográfica) a outro (a televisão), surge com o longa-metragem ‘O show de Truman’ de 1998, que traz um ‘*Big Brother*’ da forma mais real imaginável até então, onde um homem não conhece outra vida, nenhuma realidade, além da que foi criada para ele, pois desde que nasceu, Truman cresceu naquela vida fictícia, interpretada por atores utilizando-se de roteiros, nada natural, salvo o seu conhecimento próprio, toda sua vida sendo um simulacro com o foco para o entretenimento de um público de telespectadores. Por um lado, nesse roteiro, temos as pessoas que lucram com a vida do protagonista, mas por outro ponto de vista é possível notar que isso só passa a existir por causa do público, que acompanha e dá audiência à continuidade desse programa. O filme tenta mostrar que quem tem culpa não é apenas quem tenta influenciar, mas também que se deixa ser manipulado, dando crédito ao controle enquanto se deixa controlar.

A comunicação da sociedade de massa é estudada por Castells em A sociedade em rede. Na obra, o sociólogo português menciona desde o início da comunicação entre as pessoas, falando do alfabeto, perpassando pelo filme, rádio até chegar à televisão, considerada por ele como mais influenciador e maior meio de comunicação de massa.

Sem dúvida, a cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX, em primeiro lugar com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas da maioria das pessoas. Na verdade, essa tensão entre a nobre comunicação alfabética e a comunicação sensorial não-meditativa determina a frustração dos intelectuais com relação à influência da televisão, que ainda domina a crítica social da comunicação de massa (CASTELLS, 2002, p. 413).

Castells (2002) explana sobre o fato de a tecnologia possuir avanços, antes com um espaço de tempo bem mais relevante que na atualidade, cada meio de comunicação foi substituindo, embora não totalmente, o espaço do outro. É possível analogamente constatar que se tínhamos o surgimento da imprensa escrita e com ela um grande feito, um marco na história da comunicação e que perdurou no ápice desta por muito tempo. Aos poucos outros meios foram surgindo como o cinema, que roubou a cena, e por sua vez o rádio, entretanto o que ganhou espaço maior passou a ser, realmente a televisão. Inicialmente, como a todos os outros meios, nem todos tinham acesso a ela, entretanto esta foi se popularizando a ponto de

assumir o espaço dos outros meios se tornando a líder, em consequência, a que tinha o maior poder de influência, como algo que pode ser utilizado no âmbito político.

Migrando na história da evolução da mídia para o seu poder adquirido ao longo dos anos, não é possível negar o poder dela, atualizado graças a expansão da internet no decorrer do século XXI em junção com as redes sociais e suas polêmicas construções de críticas e propagação de ideias e ideais, os quais por vezes são bastante relevantes, enquanto por outras se tornam mais “focadas” do que notícias e informações com caráter produtivo.

Em 1997, o roteirista Tom Matthews presenteou o público com uma obra cinematográfica criticando tanto de forma positiva como negativa os efeitos da mídia ter sido elevada a posto de ganhar o título de o quarto poder.

Tratado como 4º Poder, desde a Revolução Francesa, a mídia, como alerta Serrano, “não tem um contrapoder. O governo tem a oposição, os empresários têm os sindicatos, as empresas têm as associações de usuários. Não há contrapoder para o poder midiático”. Por isso é tão frequente, nos quatro cantos do mundo, os casos de abuso de poder por parte das empresas jornalísticas. (LIMA, 2016)

O longa-metragem retrata a história de um repórter que, está no lugar certo na hora certa, por acaso, fazendo uma matéria corriqueira sobre um museu, quando se depara com um caso de sequestro em tempo real. O filme não relata apenas o real poder da mídia, mas os problemas da sociedade como a questão de emprego, pois o sequestrador era um segurança demitido que, ao pedir o emprego de volta, perde o controle da situação.

Trazendo a mídia em sua influência na política a nível mundial, ela vem promovendo políticos como se fossem artistas, como alguém que trabalha no campo do entretenimento ao invés de lidar com as situações problemáticas pelas quais seu país passa. Os cidadãos passando a idolatrar no lugar de exigir e cobrar. Refletindo uma realidade que se vive nas democracias em geral, inclusive com pessoas da mídia se tornando políticos, no Brasil o caso do ex-jogador da seleção brasileira Romário, nos Estados Unidos com o ator hollywoodiano Arnold Schwarzeneger e até na França com Carla Bruni-Sarkozy, a cantora que passou a ser primeira dama do país de 2008 a 2012. Os questionamentos a partir dessa figuras públicas conhecidas na arte e nos esportes, entre outros, e que, migraram de suas respectivas áreas para o meio político, representantes do povo, a partir dessa mistura ficamos sem saber se o público sabe realmente separar da influência midiática.

A população deveria ter o direito de tomar suas decisões de forma individual, mas a mídia não nos permite, nos influenciando até nos mínimos detalhes, ou em coisas aparentemente menos relevantes, como moda, que, enquanto para uns é irrelevante, para a indústria de calçados e roupas é de extrema importância que a mídia lance suas tendências determinando quem se veste bem e quem se veste mal, levando assim os consumidores a investirem na compra dos determinados produtos e beneficiando o comércio e a indústria têxtil, mesmo em pleno século XXI.

No livro “Querido e devotado Dexter”, lembrando que literatura é menos influenciável do que televisão, mas, mesmo assim tem seu público e, comumente é adaptada para a mídia televisiva, como é o caso da obra em questão, o autor traz à tona um protagonista irreverente, um *serial-killer*:

Harry, meu sábio pai adotivo, me ensinou o delicado equilíbrio entre a Necessidade e a Faca, percebendo no menino uma necessidade incontrolável de matar, Harry transformou Dexter em um homem que

só matava os matadores. Dexter, o Não- Sanguinário, que se escondia por trás de um rosto de aparência humana e perseguia os serial-killers verdadeiramente perversos, que matavam sem ética (LINDSAY, 2009, p. 13).

À priori este seria um vilão, dependendo da quantidade de informação que lhe é passada sobre este personagem principal. Ao adquirir mais informações sobre ele descobrimos que é alguém com princípios e que, antes de qualquer coisa, mata apenas os verdadeiros vilões da sociedade. Uma espécie de justiceiro, isso não é aprovado nem na lei americana, nem na brasileira, até pelo fato de existirem os Direitos Humanos, defendendo que todos tem direito à defesa, com o princípio do contraditório e da ampla defesa. Essa obra apenas agrada ao público que apoia a justiça restaurativa, deixando a desejar para quem é contra essa espécie de 'justiça com as próprias mãos'.

No Brasil, se tem ouvido falar bastante nas redes sociais sobre esse posicionamento de ficar contra as leis, uma vez que há quem diga que elas não funcionam de verdade em nosso país. Tivemos casos verídicos nos últimos anos da população se rebelando e fazendo, ou tentando fazer justiça com as próprias mãos. No nosso país não temos apenas a influência da mídia televisiva, os próprios comunicadores têm virado celebridades, a população os conhece pelo nome, como é o caso da jornalista Rachel Sheherazade que fez declarações a favor de um ato praticado publicamente por alguns cidadãos buscando justiça com as próprias mãos, sendo julgada por uns e aplaudida por outros, mostrando como a opinião pública diverge de pontos de vista enquanto, ao mesmo tempo, ambos os posicionamentos estavam falando do mesmo tema. “A jornalista afirmou achar 'compreensível' que um grupo de pessoas agredisse e amarrasse a um poste um rapaz de 15 anos acusado de cometer furtos no Rio de Janeiro.” (VEJA, 2014).

A Emissora SBT foi processada pelas afirmações de opiniões pessoais da jornalista, o que nos leva a refletir sobre a garantia legal da liberdade de expressão. No art.5º, IV da Constituição Federal em vigor temos o seguinte texto: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;” A nossa Constituição garante em seu artigo 5º que, além de todos serem iguais perante a lei, temos direito à liberdade, o que indica que a jornalista estava em seu direito de se posicionar.

Por um ponto de vista temos parte considerável da sociedade brasileira se posicionando a favor dos que praticam justiça restaurativa, alegando que não possuímos em nosso país aplicação proporcional e efetiva da lei para os criminosos. Já outra parte dos cidadãos acredita que a lei deve ser seguida e aplicada, independente de às vezes, ser ineficaz ou desproporcional e que os criminosos só são criminosos por motivos anteriores, culpando a sociedade em que vivemos e dando direito de ressocialização.

A indústria midiática tem comovido e influenciado a sociedade com o que é de seu interesse, por isso em muitos casos se tornam até cansativos de falar sobre certos crimes específicos ou assuntos nos quais os meios de comunicação em massa insistem em protelar e detalhar casos escolhidos por eles, pois sabemos que existem muitas outras situações até piores do que as expostas pela mídia.

3 CENÁRIO POLÍTICO E A NARRATIVA DE MARGARETH ATWOOD

3.1 A SOCIEDADE SOB O OLHAR DE ATWOOD

Na obra “O conto da aia” de Margareth Atwood, ela nos traz uma ficção, retratando um mundo no qual vivemos em ditadura-religiosa e até concordamos com ela, pois sequer lembramos como era viver antes de toda revolução e de todas as imposições dos governantes. Nesta obra Atwood demonstra que há como tentar controlar uma nação fazendo-a acreditar que aquilo é o correto. Para o desenvolver do clímax a protagonista passa a se sentir desconfortável e quer encontrar uma forma de lutar contra aqueles líderes que vigiam tudo e tentam controlar até o pensamento. Esta obra retrata como a liberdade de expressão pode ser tirada dos cidadãos e, ao mesmo tempo, como ela é necessária.

Para Atwood, vislumbrando a sociedade controlada pela religião radical, este modelo representa o nosso futuro, o destino certo da humanidade. O livro narra uma ficção com possibilidades de realidade, onde o Estado comanda absolutamente tudo, uma forma de controle que apenas destrói o que se poderia ter de positivo em uma democracia, não há opinião sobre nada, apenas o que se poderia chamar de subsistência, traçando um paralelo com a nossa realidade podemos mencionar o governo político de Cuba, a antiga União Soviética e, principalmente, a guerra fria, que tinha ideias muito interessantes com base em Karl Marx, entretanto, com o passar dos anos foram corrompidos os ideais marxistas, mostrando que mesmo quando uma sociedade tenta seguir um padrão com foco positivo, quando envolve muitas pessoas, é difícil não corromper as ideias.

Outra vertente discutida por Atwood foi lançada no seu livro *O conto da aia*, uma ideia original e vendida, durante décadas, como pura ficção.

Há alusões a um golpe de Estado. Há menções a uma guerra. Bombas explodem nas ruas, talvez pelas mãos de dissidentes, talvez pelas mãos de forças militares. Tudo o que se sabe é que metralharam o Congresso e atribuíam a culpa aos terroristas. Que o exército declarou estado de emergência e suspendeu a Constituição.

Os jornais estão censurados e as universidades, fechadas. O novo regime controla todas as notícias, que são poucas e falsas. A paranoia gera suspeitas e hostilidades mesmo entre os oprimidos. Ninguém confia em ninguém. Qualquer um pode ser um adesista do governo e delatar, ameaçar, cometer atos de violência – simbólica, cotidiana, extrema – uma violência consentida e disseminada pelo próprio Estado, que se vale da enganosa promessa de ordem, segurança e disciplina para banir opositores e acobertar a corrupção.

Este é – pelo menos por enquanto – o mundo que Margaret Atwood criou em *O conto da aia: The Handmaid's Tale*. (PRELORENTZOU, 2018)

Esta obra passou a ser vista em nossa sociedade como uma realidade ajustável. O conteúdo do livro retrata a história da protagonista June e é através de seus olhos que os leitores passam a ter conhecimento de cada passagem, de cada pensamento. É o acesso à sua opinião que relembra vagamente como era a democracia e isso é o que nos faz querer vencer o governo religioso totalitário e voltar ao quase esquecido pela maioria, governo democrático. Na obra, o foco do governo é apenas que a população trabalhe nas ocupações que lhe foram designadas para sobreviver, nada de luxo, nada de sonhos, nem opiniões, apenas servir ao que são obrigados a cumprir. Como o caso das aias, que são as mulheres férteis e sua função é procriar para as famílias importantes poderem ter filhos, já que as esposas dos homens importantes são inférteis. Lembrando que Atwood divide todas as ‘funções’ em espécies de castas e, cada casta deve vestir-se de forma

distinta para ser diferenciada das outras castas através da vestimenta. As aias usam vermelho (uma espécie de fardas). Existem também as tias, mulheres de mais idade, solteiras ou viúvas e que não podem mais ter filhos, sua função é cuidar para que as aias sejam obediente e gerem crianças saudáveis. Temos as mulheres que servem apenas para serem criadas nas casas, as esposas, de forma bem antiquada, também com roupas padronizadas e, clandestinamente, as prostitutas. Sobre essas vestimentas, Atwood mencionou as bases históricas que a inspiraram, sendo identificados detalhes religiosos, como as roupas das esposas serem azuis em referência à Virgem Maria, enquanto as das aias são vermelhas remetendo a Madalena.

Regimes que dividem a sociedade em castas, que criminalizam homossexuais, que roubam crianças e as entregam a oficiais de alto escalão, que se erguem sobre a exclusão e o obscurantismo, que perseguem dissidentes e incitam linchamentos, que impõem rígidos códigos morais sobre toda e qualquer escolha de vida, que compactuam com assédios, estupros e assassinatos de mulheres, tudo isso teve precedentes históricos – inclusive em sociedades ocidentais e cristãs. (PRELORENTZOU, 2018)

Na obra mencionada, Atwood criou os Estados Unidos “profetizando” o que temos na sociedade atual, entretanto, a autora se baseou em situações passadas, não com intenção de que fossem se realizar. Na obra, aos poucos, foram mudando as coisas e nem todos lutaram contra as mudanças radicais no convívio social, devido ao conformismo e achar que não chegaria tão longe. As mulheres foram demitidas e proibidas de trabalhar. Os casamentos homoafetivos foram cancelados. Os governantes dessa ditadura tinham todo acesso a uma média de 99% sobre todas as ações e de tudo o que se passava na sociedade governada por ele, o 1% que sobra é justamente o que dá o clímax ao livro, mostrando a luta de quem, em minoria aparente, não suporta mais essa situação a qual estão impostos e sem perspectiva de qualquer mudança. O governo controla e os cidadãos não tem se quer direito a uma expressão facial a contragosto, o que se torna uma espécie de ‘terapia de choque’, pois à medida que se acostumam tanto a fingir e aceitar que tudo está bem como forma de preservação acabam por esquecer seus reais propósitos e apenas obedecer às ordens e seguir as regras, existe, nesse plano, a tortura física e a psicológica.

Na América latina temos algo relevante acontecendo há muito tempo e que pode ser associado à ficção analisada: A situação de Cuba.

Cuba é a única ditadura longeva da América Latina. Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, tem feito de tudo para que seu país se torne menos democrático. Ainda assim, não foi esse o normal para a Venezuela ao longo do século XX. Os venezuelanos passaram mais tempo em democracias do que em ditaduras. Cuba conseguiu sobreviver mesmo ao fim da União Soviética, no início dos anos noventa. Grande parte dos gastos do governo de Fidel Castro eram bancados pelos russos, mas a fonte secou com o término da Guerra Fria. (PRAÇA, 2018)

Traçando um paralelo, temos a mesma coisa na obra de Atwood, entretanto, lá era bem mais sério de uma forma utópica, já que se possui ‘olhos’ em todos os lugares, eles são uma casta de pessoas que devem vigiar um certo grupo para denunciar, grupo esse o que o público está torcendo ao ler, ou assistir, interpretado como o lado do bem, que está sendo oprimido e tomar as devidas providências

contra qualquer ato suspeito que ameace a atual ditadura utópica criada por Atwood eliminando, de fato, o direito à liberdade de expressão.

Segundo Francisco (2019), houve uma mudança em Cuba no período após o afastamento de Fidel Castro, quando Raúl Castro assumiu o governo, entretanto as mudanças vieram com condições: “Durante o novo governo, foi liberada a aquisição de computadores, no entanto, o uso da internet é restrito.” Um exemplo como esse mencionado pelo geógrafo, nos lembra a situação narrada por Atwood.

Nesse modelo de controle onde o governo sabe tudo que fazemos ainda não estamos de forma clara e aberta no mundo, o que sabemos é que, as vezes saem histórias de que o governo americano vigia a todos no planeta, o que pode ter sido uma das bases para a narrativa de Atwood narrou em seu livro, outro exemplo é que o governo brasileiro é conhecido por sua compra de votos, seja com empregos, casas de programas do governo com foco em ajudar quem necessita, entre outros exemplos, como foi supracitado.

Para a autora mencionada, o mundo já estava tão demasiado cruel e contraditório devido à ao ocorrido na humanidade até então, especialmente a Guerra Fria, que terminou na década em que a obra foi publicada, sua suposição foi de que no século XXI a situação iria estar bem pior. Na época em que a obra foi escrita já havia muita ditadura na América Latina, temos sempre o exemplo da II Guerra mundial que, por mais que o tempo passe, não conseguimos esquecer, representando perigo, pois quando nos deparamos com situações nas quais as pessoas estão seguindo princípios errados cada vez mais, nos aproximamos dessa ficção. Isto realmente tem ocorrido na atualidade, com os crimes abomináveis que tem acontecido com justificativa religiosa (como o caso do terrorismo no Oriente Médio aumentando a cada dia).

No Brasil o direito a liberdade de expressão é constitucional estando presente no Art. 5º, IX da Constituição Federal de 1988, que diz:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; (VADE MECUM, 2013).

A Constituição Republicana protege o direito à liberdade de expressão. A polêmica surge em casos, como o já mencionado, da apresentadora de jornal que, em rede nacional expos sua opinião e por isso foi censurada. Não dizendo que a opinião dela está certa ou errada, apenas que ela, como todos, têm esse direito mencionado na Constituição.

Um exemplo marcante e real dessa questão na nossa atualidade é o do americano Edward Snowden, ex-administrador de sistemas da CIA (Agência de Inteligência do governo americano que trabalha para proteção do país) e ex-contratado da NSA (Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos), que, no ano de 2013 revelou detalhes dos programas de vigilância do governo dos Estados Unidos. Afirmando que o país está a frente do resto do mundo, pois vigia a todos os outros países, Snowden, discordando do que se passava em seu local de trabalho, decidiu revelar ao mundo que os Estados Unidos não estavam respeitando em absoluto, o sigilo e os segredos dos outros países, derrubando paredes e acabando com a privacidade através dos programas utilizados para espionagem. A declaração de Snowden, tendo em vista que este ainda está supostamente, em território Russo,

sob asilo político, por ter sido acusado de alguns crimes referentes à espionagem em seu país de origem. Este passa então a ser mais um caso onde a liberdade de expressão é questionada.

3.2 A SOCIEDADE NO CONTEXTO DA FICÇÃO

No caso da obra “O conto da aia”, apolítica – religião vive influenciando a população de uma forma ditatorial, para que o povo tenha medo de assumir suas próprias opiniões, chegando a um ponto de às vezes, acreditar que aquela situação é a melhor, como uma conformação.

Hoje em dia, podemos traçar um parâmetro de comparação com a mídia, que no Brasil, não é imparcial, trazendo essas influências de uma forma paralela, mais delicada do que na Obra.

Na obra de Suzanne Collins “Jogos Vorazes” (2008), que traz uma exploração de tema similar a da obra estudada nesse estudo, entretanto voltada para o público jovem, podemos observar traços das ideias de George Orwell, autor inglês, apresentadas em sua obra eternizada “1984”, a diferença vem a ser a abordagem mais moderna, em uma ficção narrando a história de um povo fictício, em um país também fictício, como Atwood também fez.

Essas obras citadas logo acima, demonstram que essa ideia de Atwood é atemporal, pois começou com Orwell, em 1948, criando populações fictícias com ditaduras, mais ou menos inimagináveis, é tão irreal que é apenas um livro, que, posteriormente, virou filme, mas serviu de base para outros autores desse lado americano do hemisfério, e, realmente demonstrando uma preocupação com o rumo que a sociedade mundial tem levando, com os verdadeiros objetivos dos governantes e com, as pessoas não se importando mais, em sua maioria.

Trazendo para um momento bem atual e real do que tem acontecido no Brasil e no mundo, temos os casamentos reais, como também outras coisas que a monarquia inglesa faça e que não saem dos holofotes e param o mundo. É um momento “pão e circo” e, ao mesmo tempo nos perguntamos o porquê da realeza figurativa no Reino Unido ser ainda tão relevante para aquele povo, refletindo essa curiosidade no mundo todo.

Um outro porém, aqui no Brasil mesmo, se refere às inúmeras paralizações que tem sido feitas, como forma de protesto pela administração atual do país, inclusive as reformas nas leis prejudicando a maior parte da população e os aumentos de materiais necessários para a sobrevivência em ciclo, como a gasolina, que influencia em tudo, às vezes chegamos a ficar ilhados em nossas cidades, na dependência de produtos que não chegam devido a protestos.

Até então, apenas isso, entretanto, quando analisamos e podemos ver que existe dinheiro e poder envolvido nesse entretenimento aparentemente inocente da nossa própria realidade, migramos de volta para os universos criados por Atwood, Orwell e, por fim, a mais recente, Collins, trazendo em sua obra ficcional uma espécie de jogos mais reais, mas com o mesmo foco de tirar a atenção da população dos problemas reais para que se distraiam com jogos, voltamos ao pão e circo explorado de um ponto de vista diferente.

A autora brinca com o senso de humor dos poderosos. O local que ela criou se chama Panem, que é governada por uma espécie de capital, explora o que o seu povo quer ver, enquanto os distritos mais pobres, que podem ser interpretados como estados, em nossa realidade, priorizariam comida, água e melhores condições de vida. No caso da liberdade de expressão ela é totalmente excluída da vida em

Panem e nos remete apenas a obediência, ao ponto das pessoas nem ao menos pensarem em criticar nada que venha da capital, por medo ou até por costume, como acontece na obra de Atwood, podemos observar aqui como essa autora mulher foi influência por uma outra autora do sexo feminino e trazendo para a literatura protagonista mulheres fortes, em décadas diferentes entre uma e a outra e sempre atuais, com problemas sociais, voltados para a questão do gênero. Quando se reflete sobre essas histórias é quando chegamos a pensar que, esses autores: Atwood, Orwell, Collins, entre outros, expõem teorias de possíveis situações futuras do mundo real.

“Gênero” foi usado pela primeira vez para expressar uma diferença social e psicológica entre homens e mulheres em 1955, pelo psicólogo John Money (1921-2006). A filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) ajudou a teorizá-lo e evidenciou os componentes sociais em sua construção (daí sua frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, citada no Enem 2015). (MACHADO, 2018)

A questão de definir gênero é muito mais abrangente do que estamos trabalhando aqui, entretanto, nos norteando por essa ideia do feminismo e dos direitos das mulheres que estão em ênfase na nossa contemporaneidade, podemos refletir sobre a diferença entre homens e mulheres trazida pelo psicólogo supracitado em 1955, assim como nos é relevante o trabalho de Simone de Beauvoir e seu pensamento sobre o feminino.

Quando mencionamos essa luta, não podemos deixar de recordar do movimento sufragista, no qual uma mulher precisou morrer por um atropelamento do cavalo do rei da Inglaterra para chamar a atenção e sua luta ganhar seriedade:

Quatro dias depois, Davison morreu e se tornou a mártir das mulheres que se autodenominavam "As Sufragistas", protagonistas do movimento pelo direito ao voto feminino na Grã-Bretanha. Uma marcha fúnebre por Londres virou uma demonstração de poder. (HILLE, 2018)

As mulheres dessa época que queriam mudança lutaram muito antes de ganharem voz, e mesmo quando foram escutadas, tudo ainda tem sido adquirido aos poucos, mesmo mais de cem anos depois. Se pensarmos na obra retratada aqui, ela demonstra uma possível retroatividade ao que já foi conquistado com tanto sacrifício, ao invés de continuarmos avançando, portanto, é um despertar para o que nossa sociedade está vivendo, para que não deixemos que isso aconteça.

3.3 EM TEMPOS MIDIÁTICOS NO CENÁRIO POLÍTICO-PARTIDÁRIO

Como forma de controlar os pensamentos em prol da sociedade em geral, Orwell nos apresenta ideias como ‘Guerra é paz’, ‘Liberdade é escravidão’ e ‘Ignorância é força’, esses são os lemas da fachada branca do ‘Ministério da verdade’ que era uma espécie do que conhecemos como partidos. Se analisados, não passam de paradoxos, pois são opostos. No caso a população não podia mais parar para refletir, apenas repetir os lemas sem pensar neles, acabavam então por acreditar naquilo, um conceito de que liberdade não existe, pois a liberdade verdadeira é a escravidão, ou seja, não ser livre. O mesmo acontece em ‘O conto da aia’, até os cumprimentos são outros para que ninguém lembre de como era antes,

todos seguem comportamentos padrões, parecendo até mesmo robôs sem personalidade.

Na atualidade a nível internacional, particularmente nas eleições presidenciais de 2016, com forte projeção para a repercussão política pelo fato do mundo acreditar que, pela primeira vez seria eleita uma presidente mulher para ser a líder do “mundo livre”. A democrata Hilary Clinton estava em foco juntamente com seu oponente, o republicano Donald Trump, com olhos de jornalistas como pessoas do mundo todo nas eleições, a mídia, como sempre à frente, mesmo com a atualidade de cidadãos comuns praticarem uma espécie de jornalismo nas redes sociais.

A repercussão que essas eleições trouxeram para o mundo tem sido arrebatadora mais de dois anos depois. O termo *fake news*, que já existia, ganhou força nesse histórico momento, no qual haviam muitas notícias sensacionalistas sobre ambos os candidatos:

“**Fake News** são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas). (CAMPOS, 2019)

Como mencionado anteriormente, a repercussão ainda é em larga escala, sobre a influência das redes sociais na referida eleição. Assim como, o termo *fake news* ganhou destaque e uso comum, até os dias atuais, ao redor do mundo. Há empresas que conseguem criar de forma anônima algumas dessas notícias falsas polêmicas, com o objetivo de se promoverem ou prejudicarem outras empresas correntes, como também existem pessoas que criam notícias falsas sem um objetivo aparente, talvez apenas, pela satisfação de vê-las se espalhando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado aqui tem relevância social e atual, uma vez que temos vivido uma onda de radicalismos políticos mundial, tendo alcançado o continente americano, englobando países como Estados Unidos, Argentina e Brasil. Precisamos pensar e não parar de pensar sobre os fatos já acontecidos na história, como vimos aqui, e o que temos vivido no momento. Além de pensar é necessário agir, lutar e acreditar nessa luta a favor de tudo que já construímos como minorias, em especial, foco do trabalho, nós mulheres. Quando refletimos aqui, a mídia de fato tem seu poder a exercer sob a população, isso podendo ser demonstrado em obras literárias, filmes ou mesmo casos da vida real, como, na análise proposta, o cenário político mundial, com monarquias ainda em foco em pleno século XXI, mas, ao mesmo tempo, nos fazendo refletir que, essas monarquias estão em melhores situações políticas do que os países que foram colonizados por elas e que vivem em “democracia”. Os Estados Unidos têm regredido na evolução com seu mais novo presidente, como é previsto em “O conto da aia” de 1985, enquanto o Reino Unido, mais antigo e tradicional, traz um casamento real aceitando a entrada e uma atriz, americana, divorciada e afro- descendente, mostrando como os que, aparentemente são mais tradicionais estão aceitando a mudança no mundo e as igualdades. Os papéis foram invertidos, uma vez que, o tio da atual rainha, na década de 30, teve que abdicar do trono por casar-se com uma atriz, americana e divorciada, mesmo sendo branca, para a época, ele não poderia seguir como soberano daquele povo. Atualmente os EUA, buscam construir um muro dividindo pessoas, e sabendo que sua pátria foi construída por elas.

É um tema complexo, pois envolve pensamentos e opiniões, e nessa ciência não há nada de exato, sempre podem haver mudanças e surpresas. No geral, mesmo nas coisas mais triviais a população se deixa ser controlada, pela determinação midiática, migrando para assuntos menos triviais que continuam sob sua influência, a partir desta premissa devemos passar a analisar e descobrir formas de fazer os cidadãos deixarem de ser guiados pelo que as redes sociais ditam. No próximo mês de junho, a população esquece os problemas para seguir com o fluxo e participar do 'circo', enquanto, de forma clichê, ficamos revoltados com os salários do professores e seu reconhecimento, podemos nos revoltar com o salário de quaisquer profissionais com profissões que realmente são necessárias e merecem dignidade e respeito, que é retirada por esses momentos como o São João, o qual virou um comércio, perdeu a originalidade cultural e o foco, agora com artistas que fogem ao estilo da festa e recebem muito dinheiro por isso, a festa poderia ser mais econômica e cultural, mas, a prioridade não é essa e investir em hospitais e escolas, ao contrário, tendo em vista que a maior presença de público, portanto o maior lucro, é nos shows que não fazem parte da nossa cultura local. A política mais uma vez controlando e roubando a cena.

É essencial que a população de massa retorne as raízes da leitura para formar suas próprias opiniões e não apenas aceitar o que lhe é imposto. Como mencionado por Atwood, em sua ditadura ficcional, o saber não faz bem, isso para que o povo não queira buscar o conhecimento.

Podemos notar como Atwood é sábia ao, em plena crise mundial, lançar um tele-série trazendo sua obra de forma até cruel aos olhos de quem vê, mas real, principalmente para as mulheres. O mundo está com os olhos voltados para essa autora, mesmo que nem todos tenham o hábito de ler, muitos assistem, criticando ou não o abandono das pessoas pela literatura ou sua falta de influência nas classes mais inferiores, não podemos deixar de agradecer a esse meio artístico que, após a série ganhar prêmios grandiosos e reconhecidos como o EMMY e o Globo de Ouro (2017-2018). Os olhos do mundo se voltaram para essa possível situação em contraste com o hoje. É uma forma de acordar o povo, as mulheres, mostrando que o feminismo, o movimento em si, a luta, não acabou e tem muito que lutar para conquistar mais objetivos e direitos e, o principal, sem esquecer de manter os que já foram conquistados desde o sufrágio até o movimento *#metoo*.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução: Ana Deiró; Rocco, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. “Mulheres” como sujeito do feminismo**. Tradução: Renato Aguiar; Rio de Janeiro; Civilização brasileira, 2003.

CAMPOS, Lorraine Vilela. "**O que são Fake News?**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

CARDOSO, Bia. **Mafalda**. Disponível em: <https://bloqueirasfeministas.com/2011/06/04/mafalda/>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CIOTOLA, Gennaro Portugal. **A mídia e o quarto poder**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia-do-brasil/a-midia-quarto-poder.htm>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes**. Tradução Alexandre D’Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

HILLE, Peter. **A longa luta das sufragistas apelo direito de votar**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-longa-luta-das-sufragistas-pelo-direito-de-votar/a-42461154>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

LIMA, Samuel. **A mídia e a formação da opinião pública**. Disponível em: <http://blogmanueldutra.blogspot.com/2016/03/a-midia-e-formacao-da-opiniao-publica.html>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

LINDSAY, Jeff. **Querido e devotado Dexter**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

MACHADO, Bruno. **Qual a diferença entre identidade de gênero e educação sexual?**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-diferenca-entre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Wilson Velloso. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

PRAÇA, Sérgio. **Porque Cuba não se tornou uma democracia?**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/por-que-cuba-nao-se-tornou-uma-democracia/>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

PRELORENTZOU, Renato. **O conto da aia – The handmaid’s tale e nosso futuro distópico**. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorentzou/o-conto-da-aia-the-handmaids-tale-e-nosso-futuro-distopico/>> Acesso em: 30 de maio de 2019.

SBT é processado por declaração de Rachel Sheherazade sobre 'justiceiros'. Revista VEJA. São Paulo: Abril. v. 1, n. 2, maio 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/ministerio-publico-entra-com-acao-contra-sbt-por-apoio-de-rachel-sheherazade-a-justiceiros/>>. Acesso em: 19 de agosto de 2018.

VADE MECUM: obra coletiva de autoria da editora Saraiva com a colaboração de Luiz Roberto Curia, Livia Céspedes e Juliana Nicoletti. 16. ed. atual. e ampl., São Paulo: Saraiva, 2013.

Margaret Atwood comenta bases reais do livro e série 'O conto da aia'. **Folha de São Paulo.** Junho de 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1893807-margaret-atwood-comenda-bases-reais-do-livro-e-serie-o-conto-da-aia.shtml>>. Acesso em: 23 de setembro de 2018.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "A situação atual de Cuba "; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-situacao-atual-cuba.htm>>. Acesso em 21 de abril de 2019.